Ι.

Estados Unidos, Reino Unido e França lançaram ataque contra a Síria em resposta ao uso de armas químicas. A ofensiva gerou protestos um pouco por todo o mundo.

E no Parlamento Europeu, deputados pediram aplicação de artigo 7.º à Hungria por violação de direitos fundamentais. Se aprovado pode resultar em sanções para o país, incluindo a perda temporária do direito de voto no Conselho Europeu.

E ainda esta semana: Comissão Europeia também quer ouvir fundador do Facebook.

II.

Bem-vindos ao Magazine Europa.

Estados Unidos, Reino Unido e França levaram a cabo, na madrugada de Sábado uma operação conjunta de bombardeamentos na Síria em resposta ao uso de armas químicas contra civis. Foram disparados mais de 100 mísseis, como nos conta a jornalista Marta Melo.

Donald Trump, Presidente EUA

No sábado passado, o regime de Assad voltou a usar armas químicas para massacrar civis inocentes. Desta vez na cidade de Douma perto de Damasco, a capital síria. Esse massacre foi um agravamento significativo, num padrão de utilização de armas químicas por esse regime horrendo.

Palavras de Donald Trump já depois da ofensiva na Síria. Uma semana depois do alegado ataque químico em Douma, França e Reino Unido juntaram-se aos Estados Unidos e bombardearam três alvos associados à produção de armas químicas.

Diz o Pentágono que foram disparados 105 mísseis em Damasco e Homs.

Numa declaração televisiva, Theresa May, primeira-ministra britânica, disse que os aliados estão a defender a lei internacional.

MAGAZINE EUROPA 17 de Abril de 2018

Já o líder francês Emmanuel Macron frisou que foi ele que convenceu Trump a atacar, apenas os locais onde, alegadamente, se produzem as armas químicas.

Emmanuel Macron, Presidente da França

Creio que no plano diplomático, os ataques não são o elemento mais importante do que se passa na Síria. Consegui convencê-lo a ficar e consegui convencê-lo de que era necessário limitar os ataques às armas químicas.

A Síria e a Rússia continuam a negar a utilização de armas químicas pelo regime de Damasco. Numa reunião do Conselho de Segurança das Nações Unidas, o embaixador de Moscovo, Vassily Nebenza, reafirmou a ilegalidade dos bombardeamentos.

Vassily Nebenza, Embaixador da Rússia na ONU

Sem um mandado do Conselho de Segurança da ONU e em violação da carta da ONU e do direito internacional, foi executada uma agressão contra um estado soberano.

Entretanto, a França, o Reino Unido e os Estados Unidos entregaram uma proposta de resolução sobre o conflito sírio. O documento chegou ao Conselho de Segurança menos de 24 horas depois do ataque militar.

Um regresso da diplomacia após a ofensiva armada da madrugada de sábado. Este documento abarca as áreas química, humanitária e política e prevê a criação de um mecanismo de investigação sobre o uso de armas químicas no país. Ainda não é certo quando vai ser votado.

• • • •

Marta Melo sobre o mais recente ataque na Síria. Um ataque que gerou uma onda de solidariedade com aquele país. Um pouco por todo o mundo houve manifestações contra a agressão dos Estados Unidos e aliados.

Também nas últimas horas a Casa Branca veio desmentir Emmanuel Macron e disse que a ordem é para que as tropas norte-americanas regressem o mais rápido possível a casa.

E connosco ao telefone desde Bruxelas está Victor Ângelo, consultor internacional e comentador residente do Magazine Europa. Victor, alguns jornais dizem que o risco de escalada é reduzido. Há quem tenha falado inicialmente de uma terceira guerra mundial. O que é que podemos esperar a partir de agora?

Eu creio de facto que o risco de escalada neste momento é reduzido. A preocupação dos três países intervenientes nesta operação militar foi exactamente escolher alvos que permitissem conter a intervenção e escolheram alvos em que não havia nem militares da Síria, nem, sobretudo, militares da Rússia, ou seja, a preocupação com a escalada foi provavelmente a preocupação mais importante ao desenhar e ao planear esta intervenção militar.

O ataque foi às quatro da manhã, sabia-se que ia não houve mortos. O que é que pretendia este ataque na realidade? Quais foram os estragos?

Para além da questão dos alvos há aqui outras dimensões e os factos são os seguintes: por um lado foi um ataque convencional, mas em que os Estados Unidos e a França sobretudo os EUA e a França – procuraram utilizar novas armas, ou seja, serviu para experimentar um novo tipo de armamento. Por outro lado, este ataque foi um autêntico dilúvio de bombas em relação a cada um dos três alvos, ou seja, cada um dos países participantes no ataque concentrouse num dos alvos e despejou em relação a esse alvo várias dezenas de bombas, por várias razões e uma das razões foi precisamente para ter um alto impacto psicológico e, por outro lado, para testar o sistema antimíssel dos sírios. E um dos testes que estes ataques mostraram ou revelaram é que os sírios continuam a ter baterias antimísseis relativamente antiguadas, porque as baterias antimísseis mais modernas são as que são operadas por soldados russos e essas não entraram em acção.

E como é que olha a União Europeia para o ataque?

Curiosamente Bruxelas apoia o ataque. Por outro lado, também aprovou o facto de ser uma acção militar limitada e prudente. E eu penso que estas duas palavras foram muito importantes aqui em Bruxelas, tendo em conta que foi claro que houve uma preocupação em evitar uma escalada de tensões, quer com a Rússia, quer também com o Irão. Bruxelas não quer que o acordo nuclear com o Irão vá por água abaixo e a verdade é que com a maneira como a intervenção militar dos aliados se fez na Síria, para além da justificação ou não justificação dessa intervenção, permitiu manter o Irão dentro de uma certa lógica de cooperação, apesar de tudo, com a Europa.

Victor, qual será o efeito sobre o regime de Bashar al-Assad? A verdade é que a autoridade do presidente não foi diminuída e não foi posta em causa por este ataque dos aliados. O presidente Bashar al-Assad continua a ser absolutamente indispensável para uma solução política da crise na Síria e a verdade é que nós vamos ter aqui em Bruxelas dentro de cerca de uma semana uma conferência sobre a situação humanitária e política na Síria. Nessa conferência há um ponto da ordem do dia em que se fala do futuro da Síria sem Assad, mas eu penso que falar do futuro da Síria sem Assad é não compreender a realidade que se vive no terreno e que exige um acordo político que envolva o presidente actual, o presidente Bashar al-Assad.

Falando de Bashar al-Assad, ele que apareceu num vídeo nesse mesmo dia do ataque a caminho do escritório. O vídeo do regime queria mostrar que este seria apenas um dia normal na vida do presidente. Eu perguntava-lhe: como é que um oftalmologista discreto a viver em Londres e alegadamente sem intenções de seguir as pisadas do pai acaba nesta posição?

Vi o vídeo e o vídeo é um bocadinho ridiculo, porque na realidade mostra um presidente que parece um empregado de escritório a entrar num edifício extremamente luxuoso sem mais ninguém à volta dele, ou seja, ele está totalmente isolado no vídeo e, em certa medida, esse isolamento que se nota no vídeo é também o isolamento que se nota na vida real, ou seja, Bashar al-Assad é um ditador muito isolado na cena internacional, mas que, apesar de tudo, consegue dentro da Síria reunir alguns apoios, nomeadamente da sua seita religiosa, os alauitas, dos drusos, mas também tem o apoio da população cristã da Síria e estes três grandes grupos têm muito medo do extremismo islamista sunita e é isso que mantém Bashar al-Assad no poder.

Mas na realidade Bashar al-Assad foi um acidente na história. Bashar al-Assad era, como dizias, alguém que estava num outro tipo de funções e, porque o irmão dele faleceu num acidente, acabou por ser o herdeiro do pai e acabou por pouco *a pouco se transformar, digamos assim, na bandeira que defende as minorias religiosas e as minorias clânicas na Síria.*

III.

E no campo dos direitos humanos, a eurodeputada Judith Sargentini apresentou um relatório que pede para que seja accionado o artigo 7.º do tratado da União Europeia à Hungria. Caso isso aconteça pode resultar na perda temporária de direito de voto no plano europeu.

Neste relatório de 26 páginas é referido que estão a ser violados princípios fundamentais, como a independência do sistema judicial, a liberdade académica, entre outros.

A proposta vai ser votada em Junho deste ano.

Já a Polónia, após vários avisos da União Europeia e de acordo com a agência Reuters está a dar passos atrás naquele que era considerado um ataque aos valores democráticos. Em causa estavam reformas propostas pelo governo conservador e que poderiam colocar o poder judicial sob

controlo do partido no poder.

De acordo com declarações do líder do partido da Lei e Justiça, Jarosław Kaczyński, existem 80 por cento de possibilidades de que a Polónia e a Comissão Europeia cheguem a um acordo.

Victor, vamos começar pela Hungria, que leitura é que se pode fazer da publicação deste relatório logo após as eleições húngaras?

O momento da sua divulgação foi o momento provavelmente uma coincidência, mas um momento muito especial, tendo em conta que, por um lado, havia uma vitória esmagadora do primeiro-ministro da Hungria e, por outro lado, havia este relatório de uma comissão do Parlamento Europeu que é extremamente crítico da maneira como Viktor Orbán tem estado a dirigir a política húngara. Este relatório deverá ir ao plenário do Parlamento Europeu ainda antes das férias do Verão, mas a minha opinião é que não passará no Parlamento Europeu. Quando chegar ao Parlamento Europeu, o relatório irá ser chumbado pela maioria parlamentar europeia, que é uma maioria de centro-direita, uma maioria à qual pertence o partido de Viktor Orbán e vai ficar então apenas como mais um relatório e a Hungria vai continuar a ser o que é neste momento, ou seja, um mau exemplo em termos dos valores democráticos europeus.

Mas isto não poderá ter um impacto positivo, digamos assim, como está a acontecer, por exemplo, na Polónia?

Penso que não. Penso que não por uma razão muito simples, de que Viktor Orbán tem sido mais inteligente que os dirigentes polacos e Viktor Orbán tem mantido o seu partido dentro da família centro-direita europeia, ou seja, Viktor Orbán tem conseguido fazer com que o seu partido Fidesz continue a fazer parte da maioria parlamentar que é fundamental para a manutenção das instituições de Bruxelas, enquanto que na Polónia, o partido Lei e Justiça, que é o partido que está no poder, se desviou da família centro-direita e na realidade os parlamentares do partido Lei e Justiça polaco são menos influentes em termos de decisões tomadas e nomeadamente no parlamento europeu.

IV.

Já voltamos à com Victor Ângelo.

E do outro lado do Atlântico Mark Zuckerberg foi questionado pelo congresso norte-americano sobre os dados dos utilizadores do Facebook afectados no caso da consultora Cambridge Analytica.

O fundador do Facebook reforçou o pedido de desculpas, disse que não era contra novas leis de segurança dos dados.

Mark Zuckerberg, fundador do Facebook

A internet está a ganhar uma importância enorme na vida das pessoas e penso que é inevitável que seja necessário haver alguma regulamentação. Portanto, a minha posição não é que não deve haver regulamentação, mas também penso que devem ter cuidado com a regulamentação que aplicam.

A comissária para a Justiça da União Europeia, Věra Jourová disse que se o fundador do Facebook também quer renovar a confiança da Europa também deve ser ouvido por Bruxelas.

Victor, seria importante que o director executivo do Facebook fosse ouvido no Parlamento Europeu?

Eu penso que sim, mas também penso que ele não vai aceitar o convite. Ele aceitou com muita relutância ir ao congresso americano. Foi entrevistado durante cerca de dez horas nas câmaras do congresso americano. Respondeu de uma maneira relativamente vaga à grande maioria das questões. Mostrou

MAGAZINE EUROPA 17 de Abril de 2018

claramente que muitos dos membros do congresso americano não entendem como funcionam estas plataformas sociais e a verdade é que ele acha que, perante as suas autoridades, já respondeu aquilo que teria de responder e, no caso dos europeus, se porventura os europeus continuarem a insistir na audição do Facebook, ele acabará por enviar o número dois ou o número três da sua organização. A verdade também é que neste momento todas as pessoas têm uma conta no Facebook e que são europeias, essas contas são tratadas na filial do Facebook na Irlanda. Uma vez que são registadas na Irlanda, são transmitidas para a sede do Facebook nos Estados Unidos e o Facebook nos Estados Unidos, ao receber estas informações, tem a obrigação legal de as partilhar com a Agência Nacional de Segurança dos Estados Unidos e com outros centros de espionagem dos EUA, por isso, mesmo que as informações dos Europeus fossem protegidas, por exemplo, em relação a empresas privadas, elas continuariam a ser acessíveis tratadas pelos serviços secretos americanos.

Věra Jourová fez várias exigências ao Facebook e deixou avisos a outras grandes empresas tecnológicas. Disse que a partir de Maio as novas leis europeias de protecção de dados farão com que os cidadãos europeus estejam muito bem protegidos do planeta.

Victor, acha que é possível voltar atrás, ou seja, que os cidadãos sejam os únicos donos das suas próprias informações?

É possível estabelecer algumas barreiras, no entanto, é evidente que a partir do momento em que tu e eu entramos como membros de uma plataforma e nos inscrevemos numa plataforma estamos em certa medida a abdicar da nossa privacidade. A União Europeia está, sobretudo, muito preocupada com a possibilidade de iterferência nas eleições europeias de 2019 e, por isso, uma grande parte das intenções ao ter uma nova legislação sobre a protecção dos dados dos cidadãos tem a ver com tentar limitar a interferência de potências estrangeiras e de agências de manipulação de opinião pública nas europeias de 2019, porque na realidade pensa-se que haverá quem procurará utilizar as eleições para fazer eleger um grande número de deputados ao Parlamento Europeu que sejam contra a União Europeia e contra continuação o projecto de continuidade europeia. *Tem muito a ver com a Cambridge Analytica, muito a ver com isso.*

V.

E acabámos de ouvir Victor Ângelo, comentador residente do Magazine Europa.

E na Cultura, trazemos hoje uma boa notícia. A Orquestra da Juventude da União Europeia não vai acabar como era previsto e tem financiamento garantido pelo menos até 2020.

A verba é proveniente do Programa Europa e, como parte do acordo, este grupo terá de trabalhar por alargar as audiências, aumentar a visibilidade e o equilíbrio da distribuição geográfica dos músicos que a compõem.

A orquestra, fundada em 1976, recruta jovens músicos em toda a Europa.

Hoje ficamos por aqui. Até para a semana!

[ficha técnica]

Com edição e apresentação de Catarina Domingues, análise de Victor Ângelo e coordenação de Hélder Beja, Magazine Europa resulta de uma colaboração entre a Rádio Macau e a Universidade de Macau no âmbito do projecto Jean Monnet Magazine Europa.

As opiniões aqui expressas não representam necessariamente as posições oficiais das diversas instituições da União Europeia.

O projecto Jean Monnet Magazine Europa é uma parceria entre a Universidade de Macau e o Instituto de Estudos Europeus de Macau, co-financiada pela União Europeia no quadro do Programa Erasmus + Estamos no Facebook em Magazine Europa.